

**Paulo Antônio de Sousa  
Marquêz**  
Universidade de Sorocaba –  
Uniso  
E-mail:  
[paulomarquez,rp@gmail.com](mailto:paulomarquez,rp@gmail.com)



Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

## Inteligência artificial e educação midiática: Estratégias para formar cidadãos críticos e conscientes na era digital

*Artificial intelligence and media  
education:  
Strategies to shape critical and  
conscious citizens in the digital age*

*Inteligencia artificial y alfabetización  
mediática:  
Estrategias para formar ciudadanos  
críticos y conscientes en la era digital*

Marquêz, P. A. de S. Inteligência artificial e educação  
midiática: Estratégias para formar cidadãos críticos e  
conscientes na era digital. *Revista Eco-Pós*, 28(1), 595–602.  
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28430>

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28430

## RESUMO

A resenha discute a obra *Inteligência artificial e pensamento crítico: caminhos para a educação midiática*, de Alexandre Le Voci Sayad, que propõe uma abordagem crítica e educativa sobre os impactos da inteligência artificial (IA) na sociedade. Combinando teoria e prática, o autor apresenta estratégias que aliam IA e pensamento crítico na formação cidadã, abordando temas como desinformação, bolhas informacionais, vies algorítmico e vigilância digital. A resenha destaca o papel da educação midiática como ferramenta essencial para promover autonomia intelectual, inclusão social e responsabilidade ética no uso da tecnologia, especialmente em contextos educacionais. A obra é indicada para educadores, gestores e pesquisadores que desejam compreender e aplicar, de forma crítica, os recursos digitais na formação de cidadãos conscientes.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Autonomia Intelectual; Educação Midiática; Inclusão digital; Inteligência Artificial; Pensamento Crítico.*

## ABSTRACT

This review discusses the book *Artificial intelligence and critical thinking: pathways for media education*, by Alexandre Le Voci Sayad, which offers a critical and educational approach to the impacts of artificial intelligence (AI) on society. By combining theory and practice, the author presents strategies that connect AI and critical thinking in the development of citizenship, addressing topics such as disinformation, filter bubbles, algorithmic bias, and digital surveillance. The review highlights the role of media education as an essential tool to promote intellectual autonomy, social inclusion, and ethical responsibility in the use of technology, especially in educational contexts. The book is recommended for educators, managers, and researchers interested in understanding and critically applying digital resources in the formation of conscious citizens.

**KEYWORDS:** *Intellectual Autonomy; Media Education; Digital Inclusion; Artificial Intelligence; Critical Thinking.*

## RESUMEN

La reseña analiza la obra *Inteligencia artificial y pensamiento crítico: caminos para la educación mediática*, de Alexandre Le Voci Sayad, que propone un enfoque crítico y educativo sobre los impactos de la inteligencia artificial (IA) en la sociedad. Combinando teoría y práctica, el autor presenta estrategias que articulan IA y pensamiento crítico en la formación ciudadana, abordando temas como la desinformación, las burbujas informativas, el sesgo algorítmico y la vigilancia digital. La reseña destaca el papel de la alfabetización mediática como una herramienta esencial para promover la autonomía intelectual, la inclusión social y la responsabilidad ética en el uso de la tecnología, especialmente en contextos educativos. La obra está dirigida a educadores, gestores e investigadores que deseen comprender y aplicar, de manera crítica, los recursos digitales en la formación de ciudadanos conscientes.

**PALABRAS CLAVE:** *Autonomía Intelectual; Alfabetización Mediática; Inclusión Digital; Inteligencia Artificial; Pensamiento Crítico.*

Submetido em 10 de janeiro de 2025.

Aceito em 30 de abril de 2025.

A inteligência artificial (IA) já é parte essencial de nossas vidas. Algoritmos personalizam redes sociais, otimizam serviços e tomam decisões em áreas como saúde e educação. No entanto, essa tecnologia traz desafios como desinformação, bolhas informacionais e concentração de poder em grandes plataformas digitais. Navegar nesse cenário exige mais do que conhecimento técnico; requer pensamento crítico e uma compreensão ética da tecnologia.

É nesse contexto que Alexandre Le Voci Sayad apresenta *Inteligência artificial e pensamento crítico: caminhos para a educação midiática*. A obra combina teoria e prática para discutir como a IA pode transformar a educação e preparar cidadãos mais críticos e responsáveis. Publicado pelo Instituto Palavra Aberta, o livro dialoga com educadores, gestores e pesquisadores, conectando a IA a áreas como ética, cidadania e sustentabilidade. Com uma linguagem acessível e exemplos práticos, Sayad propõe um caminho claro para integrar a tecnologia ao ensino de maneira ética e inclusiva.

No primeiro capítulo, o autor apresenta a inteligência artificial (IA) como uma mediadora cultural que, de forma cada vez mais presente e invisível, molda nossas escolhas e interpretações. Ele destaca que a IA tem o potencial de democratizar o acesso ao conhecimento por meio de ferramentas como plataformas de aprendizagem online, assistentes virtuais e mecanismos de busca. Esses recursos permitem que pessoas de diferentes contextos acessem materiais educacionais, informações sobre saúde e até mesmo novas oportunidades de trabalho, ampliando significativamente o alcance do conhecimento.

No entanto, essa mesma tecnologia complica o ambiente informacional ao gerar um fluxo constante e não filtrado de dados, dificultando a distinção entre fatos confiáveis e desinformação. Isso ocorre porque os algoritmos, ao priorizarem conteúdo baseado em relevância ou engajamento, muitas vezes, destacam informações populares, mas nem sempre precisas ou éticas.

A discussão avança quando o autor discute o "viés algorítmico", que surge quando os sistemas de IA refletem ou amplificam preconceitos já existentes na sociedade, em vez de corrigi-los. Por exemplo, sistemas de seleção de currículos podem discriminar candidatos com base em características indiretas, como nomes associados a minorias, enquanto algoritmos de recomendação podem estimular bolhas informacionais ao priorizar conteúdos polarizados.

Essas dinâmicas distorcem a realidade e perpetuam desigualdades, evidenciando a necessidade de projetar sistemas de IA que considerem a diversidade e a inclusão.

Ao mesmo tempo, Sayad apresenta exemplos de como a IA pode combater desigualdades quando usada de forma consciente e responsável. Um caso positivo é a aplicação de sistemas inteligentes na área da saúde, permitindo diagnósticos precisos em comunidades remotas onde o acesso a médicos é limitado. Tecnologias de IA já são utilizadas para identificar doenças como câncer de pele ou condições oculares, ampliando o acesso a cuidados médicos essenciais e potencialmente salvando vidas. Por outro lado, o autor alerta que, sem um cuidado ético, a IA pode fortalecer exclusões. Projetos de policiamento preditivo, por exemplo, demonstraram focar de forma desproporcional em comunidades pobres, perpetuando estigmas e práticas discriminatórias.

Sayad enfatiza que compreender como a IA opera é apenas o primeiro passo. Ele defende que a verdadeira transformação ocorre quando utilizamos a tecnologia para desenvolver habilidades críticas e reflexivas, capacitando as pessoas a questionar e interpretar o papel dessas ferramentas na sociedade de maneira ética e inclusiva. Para o autor, a educação midiática é essencial para formar cidadãos que não apenas consomem tecnologia, mas também moldem seu uso em benefício do bem-estar coletivo.

No segundo capítulo, a obra explora como o pensamento crítico é essencial para ajudar as pessoas a lidarem com os desafios do mundo digital. O autor explica que, em um ambiente cheio de informações contraditórias e desinformação, pensar de forma crítica permite avaliar a confiabilidade das fontes, interpretar mensagens da mídia e tomar decisões mais conscientes. Essas habilidades fortalecem a autonomia das pessoas e ajudam a promover uma participação mais ativa e responsável na sociedade, especialmente em um mundo onde a tecnologia influencia tantas de nossas escolhas.

Sayad desmonta o mito dos "nativos digitais", a ideia de que os jovens, por terem crescido rodeados pela tecnologia, automaticamente sabem navegar no ambiente digital. O autor explica que apenas saber usar a tecnologia não significa que eles saibam avaliar as informações que consomem. Por exemplo, muitos estudantes conseguem usar redes sociais com facilidade, mas não conseguem verificar a origem de uma notícia, entender os interesses por trás de uma propaganda ou identificar mensagens manipuladoras. Segundo o autor, esse conhecimento

precisa ser complementado por habilidades críticas que ajudam os jovens a olhar além da superfície das tecnologias que utilizam.

Para tornar isso prático, sugere várias atividades que podem ser feitas na sala de aula. Uma delas é a análise de informações falsas: os alunos investigam de onde a notícia veio, verificam sua veracidade com fontes confiáveis e identificam possíveis interesses manipuladores. Outra ideia é usar propagandas como material de estudo, incentivando os estudantes a avaliarem as mensagens escondidas e as técnicas usadas para persuadir o público, ajudando-os a desenvolver um olhar mais crítico.

Também sugere debates sobre temas polêmicos vistos na mídia, onde os alunos são incentivados a usar argumentos baseados em evidências para melhorar as habilidades críticas e promover o respeito e a compreensão de diferentes opiniões. Além disso, propõe que os estudantes utilizem ferramentas digitais de verificação de fatos para aprenderem como combater a desinformação usando a própria tecnologia.

Essas atividades ajudam a transformar o pensamento crítico em algo concreto e útil, conectando os alunos ao mundo digital de maneira mais ativa e responsável. Para o autor, ensinar essas competências vai além de preparar os jovens para usar a tecnologia; é um passo importante para formar cidadãos mais conscientes, engajados e prontos para os desafios do futuro.

No terceiro capítulo, aborda os dilemas éticos que acompanham a inteligência artificial (IA), destacando questões como privacidade, vigilância digital e concentração de poder. Sayad explica que esses desafios não são apenas técnicos, mas têm profundas implicações sociais, culturais e políticas.

Um dos principais dilemas discutidos é o impacto da IA na privacidade. Sistemas que coletam grandes volumes de dados pessoais — como câmeras de vigilância, aplicativos de geolocalização ou plataformas de redes sociais — muitas vezes operam sem o consentimento claro dos usuários. Isso cria um ambiente onde as pessoas têm suas informações monitoradas e usadas de formas que nem sempre entendem ou aprovam. Por exemplo, dados coletados em redes sociais podem ser vendidos para anunciantes ou usados em campanhas políticas para influenciar comportamentos, muitas vezes sem o conhecimento das pessoas.

O risco da vigilância digital surge no uso de tecnologias de IA por governos e empresas para monitorar populações. Embora muitas vezes apresentadas como medidas de segurança pública, essas ferramentas frequentemente impactam de maneira desproporcional comunidades marginalizadas, perpetuando desigualdades e restringindo liberdades individuais. Sayad destaca que, sem regulamentações claras e um debate ético, esses sistemas podem aprofundar ainda mais as disparidades sociais existentes.

Outro ponto é a concentração de poder. Grandes empresas de tecnologia, que controlam boa parte das inovações em IA, têm uma influência crescente sobre a sociedade. Isso cria um desequilíbrio, onde poucos atores controlam decisões que afetam milhões, desde o que consumimos online até as políticas que moldam nosso futuro digital, o que pode ampliar as desigualdades existentes, segundo o autor. Por exemplo, em processos de recrutamento, ferramentas de IA que analisam currículos podem descartar candidatos automaticamente com base em padrões enviesados nos dados de treinamento, como excluir pessoas de determinadas regiões ou minorias raciais. Outro exemplo são os sistemas de crédito, que muitas vezes prejudicam populações historicamente desfavorecidas, negando acesso a financiamentos com base em critérios que reforçam desigualdades.

Para enfrentar esses desafios, Sayad defende que é necessário mais do que políticas públicas ou regulamentações. Propõe uma educação robusta, que inclua o debate ético e capacite as pessoas a questionarem as implicações sociais da IA. Para o autor, educar sobre os riscos e responsabilidades da IA é um passo essencial para promover a inclusão social, garantindo que a tecnologia seja usada de forma justa e equitativa. E reforça que a IA não é neutra; reflete as escolhas feitas por quem a cria e implementa. Por isso, formar cidadãos críticos e conscientes é crucial para construir um futuro digital mais ético e inclusivo.

No quarto capítulo, a obra explora como a dependência de algoritmos afeta a autonomia intelectual, ou seja, nossa capacidade de pensar de forma independente e informada. O autor destaca as chamadas "bolhas informacionais", um efeito criado por algoritmos de recomendação que filtram e priorizam conteúdos com base em interesses e comportamentos prévios do usuário. Esses sistemas, usados por redes sociais e mecanismos de busca, acabam expondo as pessoas apenas a informações que confirmam suas crenças ou preferências, enquanto excluem

opiniões e perspectivas divergentes. Isso limita o acesso a diferentes pontos de vista e reforça polarizações, tornando mais difícil o diálogo entre grupos com ideias opostas.

Romper essas bolhas é essencial para a construção de uma sociedade mais crítica e inclusiva. Para isso, Sayad propõe uma educação midiática que vá além do ensino técnico e ajude os indivíduos a refletirem e questionar como essas bolhas afetam sua percepção do mundo. Essa educação deve incluir atividades práticas que capacitem as pessoas a identificarem vieses nos conteúdos que consomem, a buscar fontes alternativas de informação e a avaliar criticamente as mensagens midiáticas.

Sayad também analisa como os algoritmos influenciam narrativas pessoais e coletivas. Esses sistemas moldam escolhas culturais, como os filmes que assistimos ou as músicas que escutamos, e até decisões políticas, como os candidatos que conhecemos durante uma eleição. Por exemplo, uma plataforma de streaming pode sugerir conteúdos que reforçam interesses já existentes, enquanto uma rede social prioriza publicações que gerem maior engajamento emocional, como debates polêmicos. Essas práticas moldam o que consumimos e determinam quais histórias ganham visibilidade.

No quinto e último capítulo, Sayad apresenta estratégias práticas que conectam IA e pensamento crítico no ensino. Reforça que essas estratégias não apenas ensinam como a IA funciona, mas também ajudam os estudantes a refletirem sobre como ela influencia suas decisões e comportamentos. Essa abordagem vai além da teoria, trazendo atividades e exemplos que podem ser aplicados diretamente na sala de aula.

Uma das principais atividades sugeridas por Sayad é a análise crítica de propagandas. Os estudantes são incentivados a desconstruir mensagens publicitárias, identificando técnicas de persuasão e avaliando os interesses por trás das campanhas. Por exemplo, uma aula pode explorar anúncios de alimentos ultraprocessados, analisando como elementos visuais e sonoros influenciam o público.

Outra proposta é a criação de conteúdos digitais éticos. Aqui, os estudantes produzem textos, vídeos ou postagens que promovam valores como inclusão, diversidade e responsabilidade social. Por exemplo, criar campanhas sobre sustentabilidade nas redes sociais é uma maneira de usar a tecnologia de forma consciente e criativa.

Além disso, sugere atividades para explorar como os algoritmos moldam nossas escolhas. Por exemplo, pedir que os alunos comparem os resultados de uma mesma busca em diferentes navegadores ou dispositivos, discutindo como as ferramentas personalizam o que é exibido. Outra ideia é analisar os algoritmos de recomendação de plataformas, como YouTube ou Spotify, para entender por que certos conteúdos aparecem.

*Inteligência artificial e pensamento crítico: caminhos para a educação midiática* é mais do que um livro; é um chamado à ação. Sayad combina teoria, prática e exemplos reais para mostrar como a IA pode ser usada de forma consciente e ética na educação. Ele nos lembra que a tecnologia, sozinha, não resolve problemas sociais, mas pode ser uma poderosa aliada na formação de cidadãos críticos e engajados.

Com uma linguagem clara, acessível e envolvente, a obra se torna indispensável para educadores, gestores e todos que desejam compreender os impactos da IA na sociedade. Mais do que um guia prático, é uma reflexão profunda sobre o futuro da educação, da cidadania e da democracia, oferecendo caminhos para usar a tecnologia de forma consciente e contribuir para uma sociedade mais justa e sustentável.

## Referências

SAYAD, Alexandre Le Voci. *Inteligência artificial e pensamento crítico: caminhos para a educação midiática*. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2023.

---

**Paulo Antônio de Sousa Marquêz** – Universidade de Sorocaba – Uniso  
Doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Institucional e Relações Públicas pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Atua com comunicação pública, participação cidadã, linguagem simples e inovação.  
E-mail: [paulomarquez.rp@gmail.com](mailto:paulomarquez.rp@gmail.com)